

O uso de recursos de *storytelling* no *podcast* Praia dos Ossos¹

Diana Kelly Farias de CAMPOS²

Graduanda

Juliana Oliveira dos ANJOS³

Graduanda

Yasmim Ribeiro dos SANTOS⁴

Graduanda

Mariana Ferraz MUSSE⁵

Doutora

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O artigo visa explorar os elementos que contribuíram para dramatização da história sobre o assassinato de Ângela Diniz, no *podcast* Praia dos Ossos, da Rádio Novelo. É realizado um estudo de caso do Praia dos Ossos com base em pesquisas bibliográficas sobre uso de arquivo, entrevistas, narração e recursos sonoros, além de uma análise dos oito episódios do *podcast*. Conclui-se que o uso de recursos de *storytelling* e elementos narrativos no Praia dos Ossos foram essenciais para a produção de um *podcast* atrativo e imersivo para o ouvinte.

Palavras-chave: História da Mídia Sonora; *Podcast*; Praia dos Ossos; *Storytelling*; Narrativa.

1. Introdução

A produção de conteúdo em formato de áudio vem sofrendo modificações e se adaptando a novas tendências da tecnologia e do comportamento de consumo. Em processo de convergência de mídia e transformações digitais a partir de um desdobramento do rádio, o *podcast* surge como uma nova possibilidade de criação, produção e divulgação de um conteúdo, seja jornalístico ou de entretenimento.

Essa convergência de mídias seria, segundo Henry Jenkins (2006), o fluxo de conteúdos por outras plataformas de mídia, definindo as transformações tecnológicas, de mercado, além dos comportamentos sociais e culturais. A dinamização e as modificações na forma como o produto e os conteúdos são consumidos pelo público influenciam e impactam o mercado. Neste sentido, a construção de nichos é um fator importante de ser pontuado

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Sonora, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

** 3º lugar (compartilhado) no 6º Prêmio José Marques de Melo de Estímulo à Memória da Mídia – ALCAR 2021.

² Estudante de Graduação do 7º período de Jornalismo da ESPM-RJ, Contato: camposkdiana@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 7º período de Jornalismo da ESPM-RJ, Contato: jolianjos@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação do 7º período de Jornalismo da ESPM-RJ, Contato: yasmim.jornalismo@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/RJ), Contato: mariana.musse@espm.br

quando pensamos no cenário de consumo de podcasts, já que ele atende a nichos distintos, respeitando as especificidades de cada público. Esse novo modelo de consumo se relaciona com a teoria de Chris Anderson (2006), a “Cauda Longa” do mercado, que possibilita que produtos sejam notáveis em seu nicho específico, sem necessariamente produzir em massa. “Esses nichos são um vasto território ainda não mapeado, com enorme variedade de produtos, cuja oferta até então era antieconômica.” (ANDERSON, 2006, p.11).

O podcast se destaca na segmentação dos temas, já que é possível criar e desenvolver um produto sobre qualquer assunto, sem ter obrigatoriedade para a produção de um segmento geral que possa ser consumido pela massa. Mas todos os produtores de podcasts, independente do tema, são convidados a explorar as técnicas de storytelling para contar sua história e atrair o ouvinte ao seu conteúdo. Domingos (2008, p. 97) explica que storytelling é a antiga arte de transmitir fatos, reais ou ficcionais, em diferentes tipos de suporte, de modo verbal ou não, a fim de emocionar e informar grandes públicos. Este trabalho vai observar quais e como os recursos de storytelling foram utilizados no programa da Rádio Novelo, Praia dos Ossos. Em nossa análise do podcast, nos aprofundamos no uso de arquivos, narração, entrevistas e recursos sonoros. Esses elementos foram capazes de construir uma narrativa que aprofundou os ouvintes nos acontecimentos envolvendo o assassinato de Ângela Diniz por Doca Street em 1976.

2. Da Rádio ao Podcast

A história do conteúdo em áudio original teve início em 1831 com a descoberta da indução magnética por Michael Faraday e em 1887 quando Henrich Rudolph Hertz descobriu que era possível criar faíscas que atravessassem o ar, princípio que é utilizado pelos meios de comunicação. No Brasil, a primeira transmissão de rádio ocorreu em 1922, em comemoração aos 100 anos da Independência. A rádio passa a ser uma forma de divulgação de notícias e de entretenimento e permitiu que diversas pessoas tivessem acesso à informação sem precisar ler, levando em consideração que, na década de 1920, a taxa de analfabetismo no Brasil era de 65%, segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2000.

No entanto, o consumo em massa, na década de 1960, foi reduzido a partir do surgimento da televisão, através da “radiodifusão”, a passagem do consumo de rádio para o televisivo. LEAL (2009, p.2) explica que é preciso entender a rádio e a televisão como um conjunto, já que o rádio influenciou e forneceu bases necessárias para sustentar a construção da televisão.

A partir da convergência de mídias e da digitalização do rádio, hoje o podcast é considerado um possível desdobramento do processo de convergência de mídias e transformações digitais, conceito abordado por Henry Jenkins (2006). Para o autor, conteúdos de plataformas midiáticas distintas colaboram entre si por diversos mercados midiáticos e acompanham o comportamento do público pelos meios de comunicação, buscando a experiência que desejam.

Em seu livro, Chris Anderson, físico e escritor norte-americano, defende em “A Cauda Longa” (2006) que a tecnologia influencia a mudança de comportamento do consumidor, transformando o mercado de consumo de massa em nichos segmentados. O autor explica que, a partir da chegada da internet, houve uma queda no custo de acesso de produtos e conteúdos, o que permitiu a chegada deste novo modelo de mercado.

Essas mudanças na produção, a partir da internet, permitiram o surgimento de novos modelos de convergência de mídia, dentre eles o podcast. Segundo Salemme (2018, p. 14), o formato do podcast está diretamente relacionado a essas mudanças de consumo de áudio. A expansão do conteúdo sonoro para além das ondas hertzianas do rádio, de acordo com a autora, quebrou a barreira do tempo imposta pela instantaneidade do rádio e permitiu ao ouvinte ter a gerência do áudio para ouvir quando e onde quiser.

3. Formatos de Podcast e Narrativa Transmídia

O Ebook “Como fazer um podcast” (2020) afirma que um podcast pode possuir formatos distintos e indica quatro principais: individual⁶, bate-papo⁷, entrevista⁸ ou de ficção⁹. Independente do formato, todos os podcasts jornalísticos têm como objetivo informar o ouvinte.

Já na divulgação do conteúdo, muitos programas não se restringem apenas às plataformas de áudio, como o Spotify, e se expandem para em sites e redes sociais, em que é possível encontrar fotos, outras informações e conteúdos complementares ao podcast. O “Caso Evandro”, podcast do Projeto Humanos, é um exemplo de divulgação de conteúdo de forma complementar, já que se expande também em formato de série na plataforma

⁶ Formato Individual: Neste formato, há apenas um âncora no comando. É uma boa oportunidade para gerar uma conexão profunda com a audiência, mas por outro lado, também é preciso segurança e domínio sobre o conteúdo.

⁷ Formato Bate papo: Dois ou mais âncoras apresentam o programa. O formato conversado traz leveza e mais pontos de vista, porém é preciso cuidar para não perder o foco.

⁸ Formato Entrevista: O apresentador conduz uma ou mais entrevistas ao longo do programa. É uma ótima oportunidade para aprofundar temas e acaba por ser mais fácil de editar em comparação com o formato de mesa-redonda.

⁹ Formato de Ficção: Um ou mais apresentadores contam histórias reais ou ficcionais. Com a devida criatividade, roteiro e efeitos de voz e som, é fácil de viciar-se neste formato enquanto ouvinte

Globoplay, além das plataformas de streaming. Trata-se do modelo de narrativa transmídia, conceituado por Jenkins (2006), em que o conteúdo é divulgado de maneira única e complementar em diferentes plataformas digitais.

A partir da integração de conteúdo por mídias distintas, entende-se que o conteúdo possa ser consumido de diferentes maneiras e possa ser complementado à medida que se é entendido a partir das particularidades e formatos de outras plataformas. Por este motivo, é possível identificar cada vez mais produtores que utilizam estas multiplataformas para diversificação de conteúdo, para atrair e engajar o público de nicho de cada uma.

Para engajar seus ouvintes, os podcasts também utilizam técnicas de storytelling, prática de contar histórias de forma a emocionar o receptor (DOMINGOS, 2008). E esse formato é comum também em podcasts não-ficcionais, segundo Barbosa (2015). Para construir um episódio, os produtores utilizam pesquisas extensas, entrevistas, gravações de acervo, efeitos sonoros, música, narrações, tudo isso com o objetivo de aprofundar no tema e fazer com que o ouvinte seja imerso no assunto.

O storytelling está também relacionado com o conceito de “New Journalism”, também conhecido como jornalismo literário, defendido e muito utilizado por Tom Wolfe, em que, segundo Palacios e Terenzo (2016), consiste na junção da narrativa jornalística com a literária, humanizando os fatos reais. Essa também é uma defesa da prática do storytelling, técnica de tornar a história interessante e convidativa, através do apelo dos sentidos e emoções (LÓPEZ, 2007).

Um tipo de programa que utiliza storytelling e é popular na plataforma Spotify é o podcast sobre crimes reais. A demanda por este tipo de assunto aumentou tanto que a plataforma disponibiliza uma seção apenas destinada ao gênero que conta com cerca de 100 programas. Um dos grandes destaques no Brasil é o podcast Praia dos Ossos.

4. Podcasts Jornalísticos

Os podcasts abordam diferentes temas e são destinados a diferentes nichos. Dentre os gêneros deste novo modelo em áudio, surgiram também os programas de conteúdo jornalístico, em que jornalistas transmitem informações a partir deste novo formato, modificando a linguagem para atender a demanda deste consumidor.

Segundo Erbolato (1986, p.196), o jornalismo é uma profissão que envolve atividades que visam levar a informação ao público: “Compreende desde a pesquisa de um fato até a produção e edição do texto, incluindo as ilustrações quando for o caso”. A partir desta análise,

é possível entender que o jornalista deve realizar a apuração e levar a informação para o seu público, independentemente de onde ele esteja. Tradicionalmente, o jornalismo acompanha a trajetória e modificações dos meios de comunicação no país.

Onofre (2016) defende que essas modificações fazem parte da comunicação na Web 2.0, que se estende para um indefinido número de potenciais receptores do conteúdo. Acaba sendo dever do jornalista se adequar aos novos formatos e entender a nova linguagem, sem perder a essência das responsabilidades da profissão: informação de qualidade.

Com o podcast não foi diferente. As empresas jornalísticas tiveram que se adaptar a este novo formato, entendendo de que forma poderiam compartilhar informação e como este conteúdo passa a ser consumido pelos ouvintes, especialmente a partir da intensificação do consumo via smartphones. Para Paulinio, Jerónimo e Empinotti (2019, p. 38) por meio dos aparelhos celulares, é possível não apenas produzir conteúdos a qualquer momento, mas consumir também, o que altera o comportamento dos usuários. Trata-se de uma tendência a qual o jornalismo digital deve se adaptar e se reinventar para atrair ouvintes, mas mantendo a essência do jornalismo, com informações relevantes, verdadeiras e de qualidade.

5. Podcast Praia dos Ossos

O Podcast Praia dos Ossos foi publicado em 2020 pela Rádio Novelo¹⁰, uma produtora de podcasts do Rio de Janeiro, criada em 2019. O programa, apresentado e idealizado por Branca Vianna, conta com oito episódios e mais três episódios bônus que detalham a história por trás do assassinato de Ângela Diniz, no Rio de Janeiro, em 30 de dezembro de 1976.

Após terminar o seu relacionamento com Raul Fernando do Amaral Street, conhecido como Doca Street, Ângela foi morta por ele com quatro tiros numa casa na Praia dos Ossos, em Búzios. Na época do crime, buscaram culpabilizar Ângela pela própria morte, ressaltando características que pudessem justificar o merecimento de sua morte, como envolvimento com a polícia, uso de drogas e traições. Dessa forma, Doca passou a ser, aos olhos de alguns, o inocente da história.

Além da temática instigante, “Praia dos ossos” utiliza técnicas de storytelling para apresentar a história de forma envolvente ao ouvinte. “O storytelling voltado para o jornalismo recorre aos sentimentos e emoções de quem consome a informação, acionados pela humanização do relato e pela forma como os personagens são representados” (VIANA,

¹⁰ Alguns dos outros podcasts produzidos pela Rádio Novelo são: “Vidas Negras”, “Boletos Pagos com Nath Finanças”, “Foro de Teresina”, “Momento da Decisão” e “Retrato Narrado”. Disponível em <https://www.radionovelo.com.br/>

p. 7, 2020). Segundo a autora, esse tipo de narrativa aproxima o público-alvo e o sensibiliza sobre o conteúdo transmitido.

Para complementação da experiência do ouvinte e sensibilização sobre o tema, o podcast também utiliza de modelo transmídia na narrativa. Além da história contada no podcast, no site da Radio Novelo, é possível encontrar elementos que aperfeiçoam e acrescentam a vivência do receptor na história, especialmente com o uso de fotos da época.

Para cada episódio, é possível encontrar fotos que fazem referência aos acontecimentos e pessoas citadas naquele episódio específico, como fotos da praia de Búzios, momentos antes do assassinato, fotos da casa do crime, fotos de Ângela Diniz, do julgamento, de Doca Street, e outras imagens que auxiliam na narrativa e compreensão dos fatos citados no podcast.

Além disso, a Rádio Novelo disponibiliza fotos de making off, da apresentadora entrevistando os personagens, do roteiro do programa e modelo de organização do podcast. Também é possível encontrar curiosidades sobre os bastidores do podcast. Segundo dados do site oficial do programa, para a produção dos episódios, foram utilizadas mais de 50 entrevistas, 80 horas de material gravado, e milhares de páginas de bibliografia.

6. Praia dos Ossos e Narrativas de Storytelling

Para construção de uma narrativa Barbosa (2015) reforça a necessidade de aprofundar no tema, com recursos de storytelling para imersão do receptor na história, através de entrevistas, gravações de acervo, efeitos sonoros, narrações e músicas.

Em nossa análise, buscaremos encontrar o uso dos seguintes recursos: uso de arquivo, conhecido também como gravação de acervo, a narração, a sonorização, analisando os efeitos sonoros e a musicalidade dos episódios, e o uso de entrevista ao longo da narrativa sonora do podcast Praia dos Ossos. A utilização desses recursos traz maior dramatização dos fatos, colaborando para que a história se torne emocionante e que o ouvinte esteja imerso nos acontecimentos contados.

6.1 Uso de Arquivo

Ao longo de oito episódios, o podcast Praia dos Ossos utiliza elementos que ajudam na composição da história e entendimento do ouvinte sobre os acontecimentos relacionados ao assassinato de Ângela Diniz. Um dos grandes destaques da produção é o constante uso de material de arquivo. Não apenas da sonorização de entrevistas que foram publicadas em

canais de televisão e jornais impressos, mas também descrição de documentos utilizados ao longo do caso, como a do corpo da vítima.

Pierre Nora (1993) explica sobre a importância da memória e de como os espaços onde a memória se cristaliza não são necessariamente físicos, mas estão atrelados também ao aspecto simbólico. O uso de arquivos, definido por Eugênio Casanova (1928) como acumulação ordenada de documentos, contribui para a construção e consolidação da memória pois afeta a identificação de passagens antigas. Através da leitura e audição de conteúdos que incitam a memória, o receptor consegue conhecer e aprofundar mais no tema.

A partir do uso de arquivos, é possível aproximação do ouvinte com a história porque, à medida em que ele vai ouvindo a narração, com detalhamento de documentos, releitura de matérias em jornais impresso e sonorização de matérias jornalísticas em televisão, o receptor vai se colocando na história, como se estivesse vivendo todos os episódios e acompanhando o desenrolar do caso. Além de aproximar o ouvinte, o uso de arquivos contextualiza a história através de registros históricos, que se tornam fundamentais para a compreensão do caso.

Esses elementos não são apenas um acréscimo a história, a leitura destes documentos fortalece a narrativa e auxilia diretamente na composição da história e no entendimento do caso como se o ouvinte estivesse presente no momento em que tudo estava acontecendo: no assassinato, no julgamento, na condenação da vítima, na busca por suspeitos e na análise da personagem assassinada como mostra o episódio 5 logo no início em que é trazida uma entrevista concedida pela própria Ângela para a Revista Nova em janeiro de 1974 em que é possível compreender melhor a perspectiva da vítima sobre sua própria existência: “É difícil as pessoas me conhecerem. Nessa história de sociedade, sempre preferi ser Caim a Abel e, por isso, sou uma surpresa agradável para quem me descobre.” Assim, o Praia dos Ossos se destaca por não apenas contar a história, mas por situar o ouvinte na história, quase como se estivesse vivendo ao vivo e estivesse acompanhando todo o caso e sua repercussão na época em que tudo aconteceu, o que, segundo Antônio López (2007) reforça o storytelling, tornando a história mais convidativa ao receptor a partir da provocação de emoções.

Com este objetivo, a narrativa se fortalece com a leitura e sonorização de matérias do período. Branca Vianna, a apresentadora, alerta no primeiro episódio a falta de conteúdos jornalísticos na rádio, e que pediu a um locutor para ler as matérias nos jornais impressos da época. Essa sonorização narrada contribui para que os ouvintes saibam, ou ao menos possam ter ideia, de como as pessoas na época se sentiram ao serem informados do crime. Conta com a primeira aparição de Doca Street na imprensa após o assassinato, entrevista concedida à TV

Globo, crônicas no Jornal Estado de Minas, relatos e colunas da Revista Veja, do O Cruzeiro, Diário da Noite, Manchete e outros jornais impressos da época.

O uso de arquivos também nos ajuda a entender a imagem de sedutora, que se destaca também em seus relacionamentos, que eram acompanhados de perto por toda a cidade e jornais. “Ex-embaixatriz do turismo, “ex-glamour-girl” e principalmente a rainha do jovem “society” belorizontino, Ângela ingressa no rol das donas de casa, e não perderá, certamente, aquele charme que fez dela a moça mais comentada e admirada da cidade”, leitura do Jornal Estado de Minas, no dia 01 de fevereiro de 1963.

Um dos grandes destaques do programa é no segundo episódio, o do Julgamento de Doca em 1979. O Episódio conta com diversos relatos originais do julgamento, da repercussão e de entrevistas que auxiliam na composição da narrativa. Evandro Lins e Silva, advogado de Doca, defendeu que “ela realmente queria morrer”, ajudando na construção do argumento defendido em Júri que Ângela Diniz foi responsável pela própria morte. “A Ângela não só provocava a honra do Doca, não só provocava ele. Segundo o Evandro, ela queria que o Doca a matasse”, explica Branca Vianna. Ao longo deste episódio, a narrativa é acompanhada de fala dos advogados de defesa e acusação e, mais importante, da reação da plateia que vaiava e aplaudia, o que contribuiu para que o ouvinte se sentisse presente e participasse da história.

No quarto episódio, Branca relata que visitou o acervo do Museu da Imagem e do Som em Belo Horizonte. No Museu foram encontrados rolos de filmes e outros materiais antigos que fizeram parte dos episódios e beneficiaram a narração da história. Já no sexto episódio, um exemplar de revista Setenta de 1970 auxiliou na compreensão de quem foi Ângela Diniz. Na capa da revista encontrada, Ângela posa com 25 anos “aparecia glamorosa, com os cabelos escovados pra trás, e envolta em um boá de plumas brancas”, descreve a narradora Branca Viana. Na revista, seis anos antes do crime, a vítima divide espaço com seu futuro assassino. De acordo com o podcast, a revista descreve Ângela como “perfeita como manequim profissional” e o Doca como: “Homem forte do mercado de capitais, figura obrigatória nas reuniões”. Este exemplo do uso de arquivo deixa claro a importância dessa memória para a construção de uma narrativa aprimorada no podcast.

6.2 Apresentadora como personagem

Segundo Lindgren (2011, p. 56) qualquer pessoa poderia assumir a função de narrador em um podcast de storytelling, mas normalmente é o próprio produtor quem lê seu roteiro.

Assim também acontece com o podcast Praia dos Ossos, narrado pela idealizadora Branca Vianna. Os apresentadores também utilizam muito o uso da primeira pessoa, de acordo com Kischinhevsky (2018), e não deixam de realçar suas dúvidas, impressões e opiniões ao longo da narrativa, e Branca cumpre seu papel de apresentadora como personagem.

Ao longo de todos os episódios, ela não isenta ou diminui suas emoções de angústia com a forma que o caso é repercutido e julgado, expõe sua indignação com a fama de galã e herói que Doca desenvolveu após o assassinato e como a fama de mulher sedutora de Ângela aumentou após a própria morte.

De acordo com os autores Cunha e Mantello (2014, p. 58) o storytelling pode ser compreendido como uma técnica para narrar os fatos. Por isso, a importância da narração nestes produtos: “Ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia.”

Branca Vianna expõe logo no primeiro episódio a sua aproximação com o caso. No período do acontecimento, um grupo de mulheres escreveram um manifesto retratando indignação com o feminicídio que havia acontecido com Ângela. Dentre as assinaturas do documento, estava o nome de sua mãe e a sua própria assinatura, mesmo muito criança, estava com seu nome assinado no manifesto. A partir disso, entende que o relato e a narrativa que Branca Vianna faz ao longo dos oito episódios, são repletos de histórias em que ela é uma das personagens. Ela não esconde suas emoções e expõe suas próprias opiniões ao longo do programa, mas de forma que não impacta negativamente a narrativa, e sim contribui para aproximação do ouvinte com o caso.

Branca torna-se personagem do programa, descobrindo e analisando, junto com os ouvintes e demonstrando suas emoções com as revoltas que, na época, foram amenizadas. Ela não esconde o absurdo que foi o caso e principalmente a repercussão negativa para Ângela, enquanto a sociedade buscava vitimizar e amenizar o crime cometido por Doca. A apresentadora conta que, um mês depois do caso, foram vendidas camisas com o rosto do Doca, ele havia virado nome de pratos e drinks em restaurantes e foi aumentando sua legião de fãs que afirmavam e juravam que ele não havia matado Ângela. “Como é que um homem mata uma mulher com quatro tiros na cara e vira herói? Ou então dá para dizer assim: Como uma mulher desarmada é morta com quatro tiros e vira a vilã da história?”, questiona a apresentadora.

Durante todos os episódios, Branca reforça também sua indignação com o nome “A Pantera de Minas”, pelo qual Ângela Diniz era chamada, por se envolver com vários homens.

A apresentadora reforça que isso aconteceu simplesmente porque Ângela não seguia os padrões da mulher tradicional em 1970, e fazia o que bem entendia. Branca Vianna deixa perceptível desde o primeiro episódio e isso é reforçado ao longo dos episódios que ela não quer culpar Ângela pela própria morte, como as pessoas da época, mas sim entender quem era Ângela e o machismo escondido e, na verdade, muito escancarado, presente neste assassinato e com tudo que aconteceu depois. “Uma das razões que me fizeram querer contar essa história era dar voz à Ângela”, diz Branca no quarto episódio.

Outro exemplo em que a narradora exprime sua opinião é quando, no quinto episódio, ao falar sobre a imagem e noções estabelecidas a respeito de Ângela, sua indignação é notória. “fica difícil de entender, e difícil de aceitar, que cinquenta anos depois do caso que tiveram com a Ângela ainda sintam o tal desconforto de que fala o Ricardo Amaral.”

6.3 Entrevistas

Para a construção de uma narrativa jornalística, as entrevistas são parte fundamental, e a Praia dos Ossos compreende muito bem este papel. LAGE (2001, p.73) define a entrevista como um procedimento clássico de apuração de informação em jornalismo, essencial para coleta de interpretações e reconstituição de fatos. MEDINA (1986) define a entrevista como uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando isolamentos grupais, individuais, sociais e servindo também de pluralização de vozes e distribuição de informação de forma democrática.

Além disso, BARBOSA (2015) explica que a entrevista não deve ser entendida apenas como elemento presente na composição do produto, mas também como um método importante de coletar o conteúdo de outra maneira, além da narração dos fatos, que deve se adequar a cada particularidade e estilo do programa, podendo ser informal, crítico, objetivo, sério ou humorístico, tudo dependendo do que é adequado para cada caso, servindo à narrativa. Se tratando de uma narrativa de um caso verídico que aconteceu há 40 anos, Praia dos Ossos, entrevista em todos os episódios pessoas que estavam presentes no período para construção da narrativa.

O detalhamento da cena do crime é relevante para o entendimento do caso e só foi possível a partir da entrevista de Ivanira de Souza, que trabalhava na casa de Ângela e Doca. Ela detalha que eles estavam discutindo, ela pediu para ele sair de casa, ele pegou uma bolsa marrom de couro, entrou no seu carro e saiu. Tempos depois ele retornou, Ângela disse que

não voltaria com ele, o chamou de “corno” e bateu com a bolsa na cabeça dele. Ele caiu e a pistola saiu da bolsa. “Aí ele se levantou e foi tiro para tudo que é lado”, afirma a testemunha.

A primeira entrevista do podcast consta com a participação de um dos advogados de defesa de Doca, Paulo Roberto Pereira, também conhecido como Paulo "Badhu". O argumento utilizado foi de que Doca era apaixonado por Ângela e ele mesmo não acreditava ter sido o responsável pela sua morte e que, devido a seu estado emocional, dependia de cuidados. Badhu também ajudou na construção de que Doca não fez de forma pensada o crime e que sofreu as consequências do seu ato. Também fomentou a imagem de Ângela como alguém mal vista e malquista, muito avançada para o seu tempo. Ele diz que a estratégia de Doca de sair de casa depois da briga acontecia com frequência. O advogado explica que essa foi a forma que Doca encontrou de fazer com que Ângela se arrependesse e implorasse pelo perdão, voltando a normalidade do relacionamento. Mas naquela noite, ela não se arrependeu e ele ficou esperando. Tempos depois, ele retornou a casa pedindo que ela voltasse atrás na decisão do término.

Ao longo dos episódios, Praia dos Ossos conta com entrevistas de amigos de Ângela, como Ângela Teixeira de Mello, Fritz D'Orey, Celina Albano, Valéria Penna, Gracinda Garcez e Kiki Garavaglia. Esses relatos contribuem para a narrativa na história porque não julgam Ângela Diniz como culpada, diferente das entrevistas da versão de Doca Street. Seus amigos são responsáveis por humanizar a imagem de Ângela como uma mulher livre e sedutora, mas que sofreu muito em seu relacionamento com Doca e com outros homens antes dele. No quinto episódio do podcast outra entrevista essencial para descrever a personalidade da vítima é a de Ricardo Amaral, empresário de boates cariocas e paulistas. Ele conheceu Ângela na noite carioca e declarou para Branca que a vítima afrontava os homens “ela era a típica mulher pra deixar um homem desconfortável”.

Os amigos de Ângela contam que a ela tinha seus momentos de tristeza profunda e que compensava em bebida e entorpecentes a pressão que sofria por toda opinião pública. Com esses relatos, os amigos de Ângela Diniz contribuem para conceituá-la como vítima, não como culpada, algo que a imprensa estava defendendo.

Uma parte importante para entender o histórico de Ângela Diniz, a partir de sua infância diferenciada em Minas Gerais, acontece no terceiro episódio, com relatos de jornalistas do Jornal Estado de Minas, que informaram que a família Diniz sempre esteve presente nas colunas de fofoca da cidade. Segundo as jornalistas Anna Marina Siqueira e Isabela Teixeira da Costa, muito do que Ângela passou na vida foi por causa de sua mãe,

Maria Diniz, que projetava o caminho que Ângela deveria seguir, de sedutora e admirada de olhares masculinos, desde criança. A partir de relatos do jornal, pode-se entender que Ângela Diniz teve sua primeira grande aparição marcante como a mulher que ficou conhecida até o final de sua vida em um baile de debutante, “rito primordial para as moças da sociedade”, segundo Branca. A amiga, Norma Tamm, afirmou que “a Ângela virou a Ângela ali”.

Branca entrevistou, no sétimo e oitavo episódio, Mirian Chrystus, Elizabeth Fleury, Celina Albano e sua mãe, Branca Moreira Alves, mulheres que participaram de manifestações feministas no início dos anos 80, época do segundo julgamento de Doca. Segundo as entrevistadas, foram casos de feminicídio como o de Ângela que provocaram protestos com o slogan “quem ama não mata”.

6.4 Recursos sonoros

De acordo com Kischinhevsky (2017, apud LOPEZ e FREIRE, 2020, p.67), os podcasts narrativos possuem elementos sonoros que promovem o aprofundamento do jornalismo narrativo. A utilização de sons ambiente, efeitos sonoros e músicas é importante para construção de uma narrativa envolvente e imersiva, como a apresentada nos episódios de Praia dos Ossos.

O podcast se inicia no local onde o assassinato aconteceu, na Praia dos Ossos, e ao fundo é possível identificar sons de pássaros e das ondas do mar, que ajudam na construção da narrativa. Desde os primeiros minutos, em que Branca Vianna e a pesquisadora, Flora Thomson-DeVeaux, iniciam a narrativa da história, o ouvinte pode ser imerso na construção e descoberta dos acontecimentos. À medida em que elas vão caminhando em busca da casa onde o assassinato ocorreu, é possível identificar sons de passos, permitindo que a descoberta seja feita junta com o ouvinte, contribuindo para a imersão da narrativa storytelling.

No começo do primeiro episódio também é possível ouvir efeitos sonoros que remetem ao barulho de papéis sendo movidos, chiados de rádio e tv, fita rebobinando, dentre outros. Tais elementos se relacionam com o que está sendo dito no momento: Branca está relatando como ocorreu a pesquisa para o podcast, como eles vasculharam acervos e arquivos de rádio e tv.

A música também ajuda na criação de atmosfera e clima de uma história de rádio, relata Lindgren (2011, p.58), esse recurso é observado em diversos momentos ao longo dos episódios de Praia dos Ossos. O programa utiliza músicas instrumentais no meio dos

episódios e também nos minutos iniciais, em uma vinheta que antecede o momento em que Branca fala o nome do episódio.

7. Considerações finais

A partir da análise realizada, podemos concluir que o podcast Praia dos Ossos, da Rádio Novelo, é um exemplo de como as técnicas de storytelling, construção da história e narrativa bem estruturada, contribuem para a percepção dos fatos e auxilia na imersão dos ouvintes na história. A Rádio Novelo se destaca com o uso de arquivo, testemunha das percepções e sentimentos da apresentadora Branca Vianna, leitura de matérias e colunas de jornais impressos da época, uso extenso de entrevistas, além de detalhamento de todos os fatos anteriores e posteriores ao crime contra Ângela Diniz.

Aproveitando da tendência do podcast como divulgação de conteúdo, em 2020, Praia dos Ossos se destaca em meio a outros podcast sobre crimes reais por não se tratar apenas de uma narração falada, mas sim uma composição de recursos que aproximam o ouvinte ao acontecimento. O programa envolvendo não apenas curiosidade sobre como a história é concluída, mas também uma indignação constante sobre a acusação e culpabilidade da própria vítima, Ângela. Já, Doca se torna herói justiceiro na opinião pública, reforçada pelas constantes afirmações nos jornais e fanatismo da sociedade que o idolatrava, isso se torna presente através dos relatos das entrevistas ao longo do podcast.

Vale também ressaltar o trabalho de pesquisa para produção do podcast que buscou de todas as maneiras possíveis retratar não apenas o assassinato, mas uma trajetória histórica sobre a vida de Ângela Diniz, através de publicações antigas, depoimentos policiais e relatos. Tudo contribuiu para o bom aproveitamento dos recursos de storytelling para narrativa.

O uso de entrevistas é um fator interessante para a construção da narrativa. Foram mais de 50 entrevistados entre testemunhas, advogados, amigos e jornalistas para estruturar a história. Sem esses relatos, seria impossível conhecer a vítima, o caso, os envolvidos e toda a trajetória e fama da mulher sedutora, a pantera, que culminou na acusação de sua própria morte.

Praia dos Ossos também se aproveita de recursos de transmídia, especialmente com as tecnologias de hoje em dia que contribuem para a complementação dos conteúdos. No site da Rádio Novelo é possível encontrar um acervo extenso de fotografias da década de 1970, dos personagens que foram citados ao longos dos episódios, da própria Ângela Diniz em suas diversas fases e diversos momentos marcantes na trajetória de Ângela, do making-of das

gravações, do roteiro, da casa onde aconteceu o assassinato, dos jornais da época, de Doca Street e diversas outras imagens que ajudam na compreensão e imersão da história e complementação do podcast, contribuindo para uma perspectiva além dos áudios.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Chris. **Cauda Longa**. Elsevier. Rio de Janeiro. 2006.

BARBOSA, Isabela Cabral. **Jornalismo narrativo em podcast: Uma análise da linguagem, da mídia e do cenário**. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/19991949/Jornalismo_narrativo_em_podcast_-_Uma_an%C3%A1lise_da_linguagem_da_m%C3%ADia_e_do_cen%C3%A1rio. Acesso em: 14 mar. 2021.

CASANOVA, Eugenio. **Archivística**. Siena: Stab Arti Grafiche Lazzeri, 1928,

CUNHA, K. M. R; MANTELLO, P. F. **Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos**. Comunicação Midiática, Bauru, v. 9, n. 2, p. 56-67, 2014.

DOMINGOS, Adenil Alfeu. **Storytelling: fenômeno na era da liquidez**. SIGNUM: Estudos da Linguagem. Londrina. 2008.

ERBOLATO, M. L. **Dicionário de propaganda e jornalismo**. Papirus, Campinas. 1986

JENKINS, Henry. **Convergências de mídia**. Aleph, São Paulo. 2006. Disponível em: http://www.nucleodepesquisadosex-votos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/cultura_da_convergencia_-_henry_jenkins.pdf. Acesso em: 11 abr. 2021.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo**. Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, Santiago de Compostela, 2018.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Record, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: https://issuu.com/emanuellimeira/docs/a_reportagem_teor%C3%ADa_e_t%C3%A9cnica_de_entrevista_e_pesquisa. Acesso em: 18 abr. 2021.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. **Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil**. 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Um%20olhar%20historico%20na%20formacao%20e%20sedimentacao%20da%20TV%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

LINDGREN, Mia. **Journalism as research: Developing radio documentary theory from practice**. Murdoch University, Perth, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/SjVPS9>. Acesso em 18 jun. 2021.

LÓPEZ, Antônio Núñez, **Será Mejor Que lo Cuentas! Los Relatos Como Herramientas de Comunicación - Storytelling**. Empresa Activa, São Paulo. 2007.

LOPEZ, Debora Cristina; FREIRE, Marcelo. **Inovação e narrativa multimídia em podcasts: um estudo de caso de Strange Bird**. Temática - Revista eletrônica de publicação mensal, v. XVI, p. 59-75, 2020.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. Ática, São Paulo. 1986. Disponível em: https://issuu.com/emanuellimeira/docs/livro_entrevista-o_di_logo_oss_vel__cremilda_de_a. Acesso em: 18 jun. 2021

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. São Paulo, n. 10, dez, 1993.

ONOFRE, Raíssa Lima. **Desafios do Jornalismo no Século XXI: A construção da notícia por meio das tecnologias digitais**. 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/keypass/ODR5YVFak29KUERLdXdYcHI3R241a3Fscy9mempQcEIwUUg5ay9KUjBQdz0tLVRIOEIXNCtNVWxaci9vUkdIbFJueUE9PQ===84319e36785a1581cdd54ba6b80242b7b3a58628/t/qSRTt-PxJV9C-eTkuU/resource/work/34123965/Jornalismo_em_ambientes_Multiplataforma?email_work_card=title. Acesso em: 04 abr. 2021.

PALACIOS, Fernando; TERENCEZZO, Martha. **Storytelling**. Alta Books, Rio de Janeiro. 2016.

PAULINO, Rita; JERÓNIMO, Pedro; EMPINOTTI, Marina. **Experiência do Usuário (UX) em apps de conteúdo jornalístico**. 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/keypass/bXVQa0FnQzFMai9uanZFck84VnlDMC92ODMzaWRDZXFPc0R5b2EzdWhKWT0tLW55Sng1VIE4ck9ZR011dIVqLzF2dnc9PQ===3d1934cd4d1a1603f17c969461f414908132a2ab/t/qSRTt-PxuDWkq-o8p4U/resource/work/40341654/Narrativas_Jornal%C3%ADsticas_para_Dispositivos_M%C3%B3veis?email_work_card=title. Acesso em: 28 abr. 2021.

Rádio Novelo, **Praia dos Ossos**. 2020.

Disponível em: <https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/>. Acesso em: 23 maio 2021.

SALEMME, Maria Filomena. **O comportamento do ouvinte na era do podcast: Modos de consumo e interação**. 2019. Disponível em: http://www.comcult.cisc.org.br/wp-content/uploads/2019/05/GT1_Maria_Filomena_Salemme_FACASPER.pdf. Acesso em: 21 mar. 2021.

VIANA, Luana. **O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting**. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/167321>. Acesso em: 18 jun. 2021